Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz

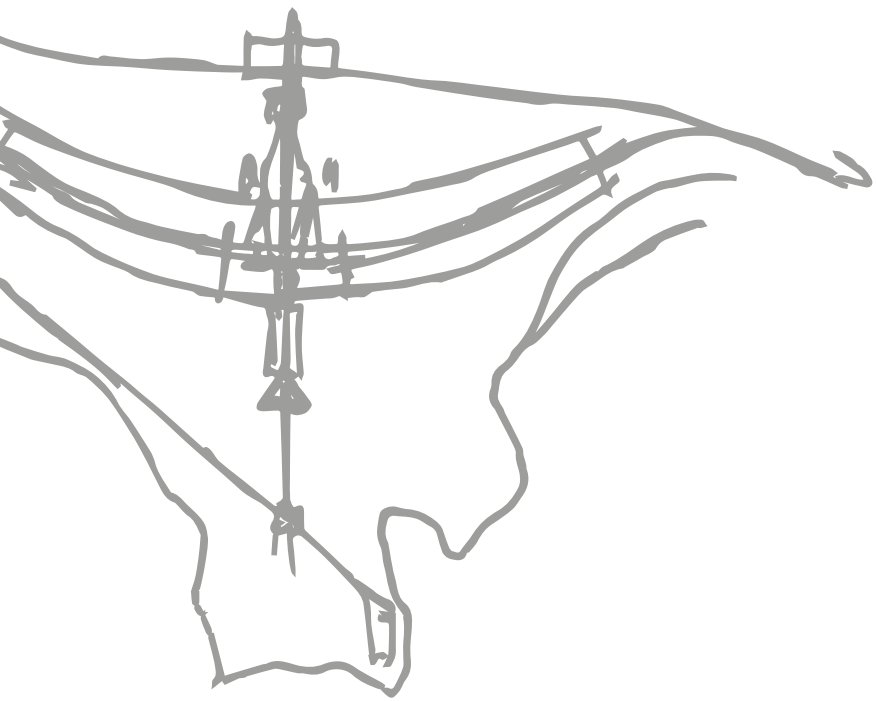
EDITORA
UnB

Diretora Marina Dourado Lustosa Cunha

Conselho editorial
Andrey Rosenthal Schlee
Biagio D'Angelo
Carina Luísa Ochi Flexor
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Josivânia Silva Farias
Maria Carmem Aires Gomes
Maria do Socorro Neri de Sousa
Maria Filomena Pinto da Costa Coelho
Marina Dourado Lustosa Cunha
Nilce Santos de Melo
Rosineide Magalhães de Sousa

Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial Jade Luísa Martins Barbalho

Revisão Jeane Pedrozo

Diagramação Wladimir de Andrade Oliveira

Padrão visual/Capa Mauro Liz (2011)

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília-DF
CEP: 70910-900
(61) 3107-3700
www.editora.unb.br
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização expressa da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

R947 Rupturas e desafios da educação no Distrito Federal (1964 – 1985) [recurso eletrônico] / organizadoras, Eva Waisros Pereira, Laura Maria Coutinho, Maria Paula Vasconcelos Taunay. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
552 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-243-9.

1. Educação – Brasília (DF) – História. 2. Ditadura. I. Pereira, Eva Waisros (org.). II. Coutinho, Laura Maria (org.). III. Taunay, Maria Paula Vasconcelos (org.).

CDU 37(817.4)(09)

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Sumário

APRESENTAÇÃO.....14

Parte I
OUTROS ARES SOPRAM

Capítulo 1
Contexto sociopolítico em 1964: a capital ocupada.....21
Claudia Paiva Carvalho
Cristiano Paixão

Capítulo 2
A educação tecnicista no golpe militar de 1964.....46
Raquel de Almeida Moraes

Capítulo 3
Financiamento da educação no Distrito Federal: o período autoritário.....62
Jorge Abrahão de Castro

Capítulo 4
Estudo comparado da educação escolar em instituições públicas e privadas do Distrito Federal (1964-1984) 79
José Luiz Villar Mella

Parte II
PENSADORES DA EDUCAÇÃO APARTADOS

Capítulo 5
Anísio Teixeira: pensamento silenciado, ação interrompida 95
Eva Waisros Pereira

Capítulo 6

Paulo Reglus Neves Freire, Brasília, 1964 130

Laura Maria Coutinho

Capítulo 7

Darcy Ribeiro: trajetória, exílio e pós-exílio.....156

Haydée Ribeiro Coelho

Parte III

EDUCAÇÃO, AUTORITARISMO E REPRESSÃO

Capítulo 8

O elefante branco: uma escola com o nome de resistência.....175

Eliane Brito

Capítulo 9

Organização de docentes do Distrito Federal: a repressão no período da ditadura militar 194

Antonio Carlos Andrade de Souza

Erlando da Silva Rêses

Capítulo 10

Centro Integrado de Ensino Médio, Ciem: uma escola inovadora no período da ditadura militar 221

Ariane Abrunhosa

Denise Farage

Mariana Penna

Capítulo 11

Tecnologias da educação na nova capital: desenganos e êxitos 254

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Raquel de Almeida Moraes

Parte IV
O OCASO DE UMA PROPOSTA TRANSFORMADORA

Capítulo 12
O golpe militar de 1964 e suas consequências sobre o plano educacional de Anísio Teixeira.....278
Leila Chalub Martins

Capítulo 13
O papel da tipologia das escolas classe na definição do lugar escola no Plano Piloto de Brasília.....303
Samira Bueno Chahin

Capítulo 14
Educação de jovens e adultos trabalhadores: concepções e práticas em disputa.....315
Leila Maria de Jesus Oliveira
Maria Margarida Machado

Capítulo 15
Educação negada: a luta dos moradores da Vila Paranoá pelo direito de estudar.....354
Leila Maria de Jesus Oliveira
Ricardo Gonçalves Pacheco

Parte V
MUDANÇAS NO CURRÍCULO ESCOLAR E NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Capítulo 16
Fios e tramas da memória: a cultura cívico-patriótica na escola pública do Distrito Federal (1964-1985).....376
Antonio Fávero Sobrinho
Valéria Nely Cézar de Carvalho

Capítulo 17

Estudo de um caderno de teoria e prática de ensino na matemática da Escola Normal da Ceilândia.....403

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho

Edilene Simões Costa dos Santos

Carmyra Oliveira Batista

Mônica Menezes de Souza Batista

Capítulo 18

Imagens da cidade e da escola: sobre a atualidade da proposta da escola parque para a capital.....423

Maria Andreza Costa Barbosa

Maria Lídia Bueno Fernandes

Parte VI

BRECHAS, ESPAÇOS ALTERNATIVOS E RESISTÊNCIA

Capítulo 19

Wladimir Murtinho e sua atuação na educação e na cultura do Distrito Federal 452

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Capítulo 20

Projeto integrado de educação ambiental de Ceilândia: uma experiência inovadora em terreno minado.....482

Vera Margarida Lessa Catalão

Josefina Reis de Moraes

Capítulo 21

Entre livros e artes, uma escolinha de criatividade e uma biblioteca infantil na 104/304 Sul.....501

Luciana de Maya Ricardo

Alice Fátima Martins

Capítulo 22
Um olhar literário sobre Brasília: textos inaugurais e escrituras da resistência 521
Maria Alexandra Militão Rodrigues

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....541
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

SOBRE OS AUTORES 545

Parte VI
BRECHAS, ESPAÇOS ALTERNATIVOS E RESISTÊNCIA

Capítulo 21

Entre livros e artes, uma escolinha de criatividade e uma biblioteca infantil na 104/304 Sul

Luciana de Maya Ricardo
Alice Fátima Martins

Nos últimos anos da década de 1960, foram criadas a Biblioteca da 104/304 Sul e a Escolinha de Criatividade, que dispunha de atividades de artes às crianças da comunidade. O projeto fez parte do Movimento Escolinhas de Arte do Brasil, deflagrado a partir de 1948, quando foi criada a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), no Rio de Janeiro, por iniciativa de Augusto Rodrigues, Lúcia Alencastro Valentim e Margareth Spencer. Brasília, em suas primeiras décadas, foi marcada pela instalação de algumas escolinhas de arte e centros de natureza similares, algumas em instituições de iniciativa privada, outras em instituições públicas.

No caso específico do projeto desenvolvido na Biblioteca da 104/304 Sul, vinculado ao governo do Distrito Federal, ressalta-se a sua longevidade. Quase meio século depois, tendo atravessado diferentes projetos políticos para a cultura e a educação, o espaço prossegue propiciando experimentação artística, em uma aproximação desejável entre o exercício da leitura de textos escritos e a criação no âmbito das visualidades e outras linguagens.

Muitas gerações tiveram, ali, parte importante de sua formação sensível que reverberam, em alguma medida, em sua atuação como sujeitos sociais, políticos e agentes de cultura. O nome da arte-educadora e artista Maria José Costa Sousa vincula-se a essa história, porquanto tenha sido ela a mentora do projeto.

Isso posto, a proposta deste capítulo é recuperar o percurso histórico desse projeto, buscando compreender as bases teóricas e metodológicas de sua organização, bem como os parâmetros que caracterizam essa espécie de resiliência de que tem sido portador, desde os primórdios, o que lhe permitiu ser preservado por tanto tempo, a despeito das tantas e profundas mudanças nos cenários político, cultural e educacional ocorridos desde sua instauração.

Primeiras palavras: uma escolinha de arte e criatividade, um movimento nacional

As primeiras décadas do século XX, no Brasil, testemunharam transformações sociais profundas, de ordem econômica, política e cultural. Ao mesmo tempo, pensadores de vários campos do conhecimento, ao lado de artistas e outros produtores culturais, abriram novas searas para problematizar os desafios demandados por essas transformações. Os projetos educativos não ficaram excluídos dessas mobilizações, de modo que foram buscados caminhos para superar as grandes disparidades sociais e culturais constatadas, tendo em vista os insucessos do projeto conservador de educação, fundamentalmente excludente e elitista.

Nesse contexto, o ideário de renovação da educação, em curso em outros países europeus e na América do Norte, encontra reverberação entre educadores brasileiros, mobilizando grupos e projetos pedagógicos voltados para a possibilidade de uma educação aberta aos exercícios de liberdade de expressão e para o protagonismo dos estudantes. Em *O manifesto dos pioneiros da educação nova* (Azevedo, 2010), de 1932, um grupo de educadores defende a educação escolar

como a base para se assegurar a consolidação do Estado democrático, desde que fosse uma escola capaz de estabelecer vínculos com a vida social, com a cultura e com os valores éticos. Nesse documento, a educação é apontada como uma função pública, dever do Estado. Este, por sua vez, deveria ser responsável por um plano único educacional, asseguradas a laicidade, a gratuidade e a obrigatoriedade. Os signatários do documento reconhecem o papel da arte e da literatura na formação dos sujeitos sociais, apontando a necessidade de se reconhecer uma relação de paridade entre essas áreas e as ciências.

O manifesto foi publicado uma década após a realização da Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo, que passou a ser reconhecida como um marco na modernidade artística brasileira, particularmente no Centro-Sul, reunindo artistas e intelectuais modernistas na busca por referências que pudessem marcar uma identidade nacional. Nesse mesmo período, os estudos no campo da psicologia e da psicanálise trouxeram contribuições relevantes para mudanças nas concepções relativas à natureza humana, seus modos de expressão e sua experiência com o mundo.

Assim, na década de 1940, na cidade do Rio de Janeiro, artistas, educadores e intelectuais de diversas áreas acabaram convergindo para um projeto comum. Augusto Rodrigues, Lúcia Valentim, Margareth Spencer, Helena Antipoff, dentre outros, integraram esse grupo. Nas palavras de Anísio Teixeira (1970), a Escolinha de Arte envolveu uma inovação pedagógica, mas também do próprio conceito de arte, conquanto a tenha reconhecido como atividade inerente ao senso humano do viver. Nesse aspecto, a escolinha estaria em sintonia com os já referidos princípios da liberdade de expressão e da instauração do novo, que orientavam o projeto de renovação da educação.

O primeiro espaço de funcionamento da Escolinha de Arte foi a Biblioteca Castro Alves, no Rio de Janeiro. A despeito da possibilidade de ela ser nomeada como Escolinha Castro Alves, Augusto Rodrigues relata que as crianças começaram a chamá-la de escolinha, ressaltando o vínculo afetivo ali estabelecido, que dificilmente era perceptível nas instituições regulares de ensino:

> Quando a Escolinha realmente começou, creio que a tendência era ela se chamar Escolinha Castro Alves, porque estava na Biblioteca Castro Alves. Mas eu não quis dar nome à Escolinha. Estávamos realmente fazendo uma experiência em aberto, até o momento em que começamos a sentir que precisava de um nome. Aí é que surgem as crianças que já começavam a dizer: "amanhã eu venho à Escolinha", e elas só chamavam de escolinha. Percebi de imediato que elas faziam uma distinção entre a escola institucional e aquele lugar que elas passavam a chamar de Escolinha. Escolinha, no diminutivo, com o componente afetivo. Uma era a escola onde ela ia aprender, a outra onde ela ia viver experiência, expandir-se, projetar-se. Então foram elas mesmas que deram o nome. (Rodrigues, 1980)

Assim, Escolinha de Arte foi o nome atribuído pelas próprias crianças que a frequentavam. Os princípios orientadores de seu projeto apontam para a convicção de que o ensino de artes só pode ser promovido dentro de um ambiente que prime pela liberdade e pelo acolhimento à espontaneidade da criação artística; a certeza de que a articulação das artes com os demais conhecimentos escolares amplia o enriquecimento dos conhecimentos construídos; o papel do professor não é ensinar, mas propiciar as condições para que a criança se expresse com liberdade nos processos de criação.

A Escolinha de Arte do Brasil inaugurou o Movimento Escolinhas de Arte, que se estendeu por todo o território nacional: "Foram fundadas 132 Escolinhas de Arte no Brasil e mais 4 fora de nosso país: Argentina, Paraguai e Portugal" (Costa, 2010, p. 15). Todas elas constituíram espaços de educação não formal, nos quais se desenvolviam atividades de artes nas várias linguagens.

A construção de Brasília convergiu com o mesmo ideário que movia intelectuais, artistas, arquitetos, urbanistas, além de empresários que atuaram em diversas frentes. Assim, o plano educacional traçado para a nova capital buscava inovar, estabelecendo conexões entre os espaços arquitetônico e urbanístico, com a finalidade de aproximar o mundo vivido das aprendizagens construídas no contexto escolar. Dessa forma, a concepção das

escolas parque teve como inspiração a Escola Parque do Bairro da Liberdade, em Salvador.

A escola parque, em Brasília, embora integrasse o circuito da educação formal, constituiu um espaço de trânsito entre educadores, artistas, intelectuais e arte-educadores, em uma atmosfera próxima à instaurada pelas escolinhas de arte.

Do ponto de vista do projeto urbanístico, o Plano Piloto, na capital federal, estaria organizado em unidades de vizinhança. Cada unidade contava com alguns aparatos de educação, cultura e entretenimento: escolas classe, escola parque, clube, biblioteca etc. Uma unidade de vizinhança na Asa Sul do Plano Piloto, que não chegou a ter sua escola parque construída, contava com uma biblioteca pública.

A Biblioteca da 104/304 Sul, criada nos últimos anos da década de 1960, desde o início abrigou a Escolinha de Criatividade, onde eram oferecidas atividades de artes às crianças da comunidade. Acompanhava, em seu ideário e estratégias, o Movimento Escolinhas de Arte do Brasil, e, respirando os mesmos ares instauradores, estabelecia-se ali, uma relação simbiótica entre a biblioteca e a escolinha.

Nas primeiras décadas desde a inauguração de Brasília, foram criadas escolinhas de arte e outros projetos muito próximos em sua concepção. Chama a atenção, no tocante à Escolinha de Criatividade da Biblioteca da 104/304 Sul, vinculada à Secretaria de Educação do Distrito Federal, a sua capacidade de adaptação às transformações no decurso do tempo. Meio século depois, tendo atravessado e sobrevivido a diferentes projetos políticos para a cultura e a educação, o espaço proporciona experimentação artística por meio de uma aproximação desejável entre o exercício da leitura e a criação no âmbito das visualidades e outras linguagens.

Muitas gerações tiveram, nessa escola, parte importante de sua formação sensível, integrando sua atuação como sujeitos sociais, políticos e agentes de cultura. O nome da arteeducadora e artista Zezé, como Maria

José Costa Sousa é chamada entre amigos e estudantes, vincula-se a essa história, porquanto tenha sido ela a mentora do projeto, atuando à sua frente por longo período.

Destarte, este trabalho apoia-se no relato de memórias relativas à Escolinha de Criatividade, a partir de depoimentos de pessoas que ali trabalharam ou que participaram de suas atividades. Referências documentais também constituem fontes importantes, na forma de documentos oficiais ou de publicações de época. Assim, pretende-se compreender as bases de sua organização, bem como os aspectos constituidores dessa espécie de resiliência de que é portadora desde os primórdios, o que resultou nessa significativa longevidade.

Cartografia de memórias

As lembranças e os relatos dos primeiros tempos de Brasília, a nova capital federal, em processo de instalação em meio ao Planalto Central, apresentam-se em abundância, na forma de narrativas que dão conta dos cotidianos de quantas pessoas cuja ventura tenha sido o atrevimento de viver essas histórias.

Eram tempos de muitas novidades e possibilidades, e a educação brasileira, em específico a de Brasília, contava com muitas e boas práticas regidas por Anísio Teixeira e seu Plano de Construções Escolares para a cidade, com as escolas parque e as unidades de vizinhança, que priorizavam a escala humana da vida e a integralidade do ser que nela crescia. No Plano Piloto, os prédios da área residencial têm apenas três ou seis andares, possibilitando que uma pessoa do último andar possa identificar quem está no térreo, sabendo distinguir se é um conhecido ou não. Além disso, deixa o céu da cidade livre, o que propicia maior insolação nas residências, também proporcionado pela distância mínima entre os prédios, os jardins e o cinturão verde de árvores que envolvem os prédios e as quadras, protegendo-as sonoramente

e mantendo o microclima. As percepções visuais e as práticas oriundas do movimento modernista deram forma à cidade, propondo, em linhas gerais, nas áreas de artes, a livre criação, a experimentação e, na área de educação, o desenvolvimento integral do indivíduo.

Nesse turbilhão de perspectivas e expectativas, em novembro de 1969, apenas nove anos após a inauguração da cidade e em plena ditadura militar, foi aberta a Biblioteca Infantil e, nela, a Escolinha de Criatividade da 104/304 Sul. Tratava-se de um espaço integrado à dinâmica das quadras e dedicado ao desenvolvimento das crianças. "Na época eram oferecidas diversas atividades em todas as áreas de artes: cênicas, música, plástica, cinema, produções de livros... todas as possibilidades de artes eram propostas para as crianças", relata Jaqueline Queiros Galvão (2019), atual articuladora e coordenadora do Espaço da Biblioteca Infantil, Escolinha de Criatividade 104/304 Sul. Cristiana de Campos Aspesi, professora da Escolinha, explica que a característica básica era a

> liberdade de escolha. Não tinha uma atividade programada. Cada aluno chegava aqui e fazia o seu próprio projeto. E ele definia o que ia trabalhar e poderia ser diferente do trabalho do colega que estava fazendo uma outra coisa, usando outros materiais, e os professores circulavam ali entre os alunos dando as orientações. (Aspesi, 2019)

A ideia da Biblioteca Infantil foi proposta pela professora e bibliotecária Branca Rabello, formada na primeira turma de biblioteconomia de Belo Horizonte, e que atuava, à época, na biblioteca da Escola Parque da 108/308 Sul, desenvolvendo um trabalho integrado entre a escola classe/escola parque e a biblioteca. Sua motivação partiu dos prédios da 104/304 Sul e da 108/308 Sul, de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, que se encontravam ociosos e haviam sido construídos nos mesmos moldes do prédio do Instituto Central de Artes (ICA) da Universidade de Brasília (UnB), com paredes cegas por fora, sem janelas, e em torno de um pátio interno, com plantas,

integrando a área de trabalho com a natureza. Assim, ela propôs ao então diretor do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação (MEC), da Comissão Deliberativa da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (Caseb), Sr. Heli Menegale, a instalação de uma biblioteca técnica, também pública, na 108/308 Sul e de uma biblioteca infantil na 104/304 Sul, desejo antigo de Branca Rabello, reiterado por sua superior na escola parque, professora Stella dos Cherubins Guimarães Trois. O pedido foi autorizado pelo diretor, que solicitou que a professora de artes Maria José Costa de Souza, a Zezé, fizesse parte do projeto, para a instalação na biblioteca infantil da Escolinha de Criatividade, ou Escolinha de Arte, ou ainda somente Escolinha, como é carinhosamente chamada.

A professora Branca Rabello recorda que não sabia da existência, em outros estados, de atividade de escola de arte dentro das bibliotecas. Era sempre à parte, mas existia. Relata, também, que, a partir do trabalho interdisciplinar em Brasília, na biblioteca da escola parque junto à prática didática com oficinas de arte, artesanato e artes industriais dessa escola, percebeu a importância do trabalho e relembrou os muitos estudantes que passaram por lá, tornando-se figuras de destaque na cidade e no país. Sobre a Escolinha, em específico, narra ainda que, embora ela mesma não tivesse muita noção, "a Zezé era um assombro lá. Foi a Zezé que montou a escola de arte" (Rabello, 2019).

Zezé já trabalhava com artes quando foi convidada por Darcy Ribeiro, junto a outros artistas, como Athos Bulcão, Alfredo Ceschiatti, Hugo Mund Júnior, a vir para Brasília e atuar no Instituto Central de Artes (ICA), hoje Instituto de Artes (IDA/UnB). Porém, em outubro de 1965, demitiu-se juntamente ao grupo de 223 docentes, em solidariedade a colegas sumariamente desligados da universidade pela reitoria. Durante o período do regime militar, as recorrentes interferências no *campus* e nas ações docentes acarretavam a total falta de autonomia da UnB.

Após desligar-se do ICA/UnB, Zezé ingressou na Fundação Educacional do Distrito Federal, tendo sido lotada em Sobradinho, de onde saiu para a Escolinha de Arte. Trazia em sua bagagem, articulada durante o período em que foi docente no ICA, o conhecimento sobre a Bauhaus, a escola de artes, *design* e arquitetura alemã, com a pedagogia da ação e de outras tendências emergentes à época, no campo da arte e dos processos de criação.

A Bauhaus, escola de *design* fundada em 1919, no início da República de Weimar na Alemanha, perdurou apenas até 1933, tendo sido interrompida, nesta data, pelo regime nazista. Essa escola fez parte de um movimento de transformação social ocorrido após a Primeira Guerra Mundial, que colocou em prática ideias de reforma do ensino e das artes. Pregava-se, então, uma educação com método ativo de ensino, e "sua pedagogia espelhava o desejo e a necessidade de promover a discussão e a revisão do panorama da educação geral e, principalmente, das artes no início do século [XX]" (Fontoura, 2009). Para tal, entendiam que "toda a prática deveria ser seguida e ou precedida de uma reflexão", pois dos resultados desses processos decorreriam os novos conhecimentos.

> A pedagogia da ação deu um novo sentido ao comportamento ativo do educando. Ela considerava que o processo educativo concentra-se numa ação específica, numa atividade que não exige do educando algo de fora, mas sim, de uma ação espontânea que vem de dentro para fora. Assim, como concepção pedagógica, ela parte do princípio de que o aprendizado se dá a partir do próprio educando, rejeitando a ideia de que o ensino se faz através de uma suposta transmissão de conhecimento. O aprendizado, sob a ótica da pedagogia da ação, é uma conquista pessoal e visa à auto formação do educando. (Fontoura, 2009)

A Bauhaus uniu arte, artesanato e arquitetura, tendo o artesanato, nessa trilogia, importância primordial, pois configurava o meio para se chegar ao fim, sendo considerada uma "categoria pedagógica fundamental" (Fontoura,

2009) no aprendizado por meio do uso das mãos. Era o ativismo na educação pregado e executado pela Bauhaus. Conforme seu programa pedagógico,

> visava libertar as forças expressivas e criadoras do indivíduo através da prática manual e artística; desenvolver nele uma personalidade ativa, espontânea e sem inibições; exercitar integralmente os seus sentidos e, finalmente propiciar a aquisição e cultivo de conhecimento não exclusivamente intelectual, mas também emocionais, não só através dos livros [mas também através do trabalho manual]. (Fontoura, 2009)

Percebe-se, na construção filosófica da Bauhaus, influência de Georg Kerschensteiner, Maria Montessori e John Dewey, todos educadores que, em suas áreas, foram construindo novas práticas metodológicas que entendiam a imprescindibilidade da escuta da subjetividade, da expressão pessoal dos estudantes, de suas vivências entre a teoria e a prática dos conteúdos administrados, e da necessidade de maior autonomia do educando. Esses pensadores estavam preocupados com uma formação global do indivíduo e "a Bauhaus teve o mérito de levar estas ideias a um outro nível de ensino" (Fontoura, 2009), o ensino superior. Esse movimento na educação ocorreu no final do século XIX e início do século XX, tendo sido nominado, na educação básica principalmente, de Escola Nova. No Brasil, esse movimento se configurou mais fortemente com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, do qual Anísio Teixeira — autor do Plano das Construções Escolares de Brasília e da Universidade de Brasília, na década de 1960 — é signatário.

Já em Brasília, em março de 1970, desde que a primeira turma da Escolinha de Criatividade efetivamente iniciou suas atividades, Zezé considerava que todas as crianças eram capazes de compreender qualquer coisa. Ela pressupunha que as crianças entenderiam todas as linguagens, como a da fotografia e do cinema. E entendiam. Nas palavras do professor e artista plástico Antônio Wanderlei S. Amorim, o Delei, como é conhecido artisticamente, que atuou com a Zezé na Escolinha de 1977 a 1984, as atividades

asseguravam a liberdade de expressão. Zezé "não direcionava os trabalhos, mas ia conduzindo os alunos a irem acabando melhor" suas produções. "O que era produzido era levado pelos alunos. Nunca houve técnicas tradicionais – pintura a óleo tradicional. As técnicas estavam lá para favorecer o trabalho, não como preceitos técnicos exigidos" (Amorim, 2014).

Zezé era completamente avessa a qualquer burocracia. Assim, não se preocupou em registrar o projeto, em nome de uma espécie de contrapedagogia, apesar do interesse dos gestores ligados às políticas públicas de educação em fazê-lo. Ela achava que isso amarraria o projeto em função do uso de uma linguagem técnica, desdobrada em ferramentas, tais como objetivo principal, específico etc., das quais ela não gostava. A metodologia era desconstruída por ela, que gostava de assiduidade e pontualidade não como regra, mas como comprometimento com o trabalho. "O importante é o trabalho. O fazer artístico aplicado diretamente na vida, longe das encaracoladas regras acadêmicas e da bula pedagógica" (Delei, 2015). "A escolinha não tinha uma preocupação com o produto, mas com o fazer auto expressivo" (Amorim, 2014). Ela falava sempre de "bolação": bolar coisas para desenvolver com as crianças. "Como que dizendo 'nós temos de ser originais', mas não por excesso, um original de colocar sua vivência, responder a isso que você vive. O princípio básico da Zezé era não cópia no sentido do estereótipo" (Amorim, 2014).

Zezé costumava levar materiais novos, recicláveis ou mesmo descartados pela natureza. A professora Maria Celia Fernandes Rosa (2019), que atuou na Escolinha de 1987 a 1991 (quando se aposentou), confirma essa informação. Os pais, relata, levavam muitos e diversos materiais, como amostras de tecido de sua loja, toquinhos de madeira de marcenaria ou mesmo o resto da bobina de papel do jornal da cidade, que eram solicitados pela escola. Tudo era utilizado individualmente ou misturado em técnicas mistas, sendo os temas livres para os estudantes escolherem, sem imposições por parte dos professores. A escolinha se distanciava da escola formal e do catálogo de

técnicas usadas nas artes. Na escolinha a expressão era livre. Se o estudante quisesse podia ficar o ano todo desenhando com lápis de cor.

De acordo com documento encontrado nos arquivos da Escolinha, datado de 1978, seu objetivo era "levar a criança a criar através de materiais diversos em todas as áreas, dando oportunidade para que ela se expresse livremente" (Biblioteca Infantil, 1978). O documento conta, ainda, que atividades diversas eram desenvolvidas simultaneamente, podendo ser individuais ou coletivas, se possível integrando mais de uma área/linguagem. Contudo, além de todos os trabalhos serem feitos com a anuência livre das crianças, buscava-se uma "orientação cuidadosa, procurando ampliação sem tolhimento da criatividade" (Biblioteca Infantil, 1978).

Entre as atividades desenvolvidas incluem-se: artes plásticas: desenho de observação, colagem, pintura, ilustração, modelagem, entalhe, gravura, criações com sucatas; teatro: fantoches, de vara, de arena, sonoplastia, cenário, redação de peças, improvisações com materiais diversos; circo: improvisações e construção de materiais pelos estudantes; música: sensibilização, canto, audição, pesquisa, construção de instrumentos, improvisações, estruturação e grafismo; expressão corporal: percepção do corpo no ambiente, observação de formas e representações, jogos; cinema: fotografia, cópia em laboratório, super 8, experiências de animação; histórias: criação de histórias em acetato/*slide*, fotonovelas, histórias em quadrinhos, criação de livros de histórias; recreação: jogos de observação, atenção e folclóricos.

A Escolinha de Criatividade, apesar de integrar a rede de ensino público do Distrito Federal, tinha, e ainda tem, como facultativa a participação em suas atividades. Funcionava no período de contra turno, de segunda-feira a sexta-feira. Nas segundas e quartas-feiras, recebia os estudantes de 10 a 12 anos, por vezes até 13, e, nas terças e quintas-feiras, recebia as crianças de 5 a 9 anos. As turmas costumavam ter entre 20 e 22 estudantes. No entanto, no início dos anos 2000, para justificar seu funcionamento à Secretaria de Educação, cada turma chegou a ter 30 estudantes. Para tanto, foi necessário

modificar a disposição das mesas, como condição para comportar todos os inscritos, relata a professora Iracema Malheiros (2019), que atuou na Escolinha entre 2000 e 2011, quando se aposentou.

Qualquer pessoa com atuação relevante no cenário das artes que chegasse à cidade era convidada pela Zezé a comparecer na escola e desenvolver alguma atividade com as crianças. Foi o caso do gravador Rossini Peres, que desenvolveu monotipias na Escolinha. Segundo Amorim (2014), isso dinamizava o ano e as atividades.

Do mesmo modo, para muitas das festas que eram costumeiramente organizadas, um bolo integrava o rol dos itens alimentares. Nesses casos, realizava-se, entre as crianças, um concurso para se escolher o desenho/formato. Assim, o bolo reproduzia o projeto em seus detalhes, para alegria dos participantes.

O trabalho desenvolvido estimulava a autonomia e a motivação sensível dos estudantes. Muitas vezes, esse perfil não se alinhava aos padrões que prevaleciam no currículo e em boa parte das aulas de arte nas escolas regulares da então Fundação Educacional/Secretaria de Educação, a qual a biblioteca e a escola estavam vinculadas. Eventualmente essa orientação era colocada em questão, sobretudo no tocante à natureza das aprendizagens ali construídas. Muitas vezes essas diferenças entre os projetos de ensino causavam ruídos. É possível supor que, em algumas situações, ainda causem...

Amorim (2014) relata que houve movimentos contrários, muitos dos quais pretendiam formatar a escolinha, chegando até a modular as atividades oferecidas, e ainda deslocá-la para outro lugar. Zezé não se opunha, a princípio. Contudo, a dinâmica de atividades da Escolinha não teria preservado sua longevidade, pois ela não resulta da aplicação de uma receita. Não era "faça assim, você tem 40 minutos". Não era criar itens e seguir uma receita. Seu modo de funcionamento não se enquadrava no sistema formal e acabou gerando uma resistência muito grande no convívio com a estrutura da Secretaria de Educação.

Entre os gestores que a apoiaram, pode ser citado o embaixador Wladimir Murtinho. No período em que atuou como secretário de Educação e Cultura, entre 1975 e 1979, foi apoiador incondicional da Escolinha de Criatividade e de suas atividades na comunidade. Mas nem sempre foi assim. Em diversos outros momentos, ela correu o risco de ser fechada a partir da iniciativa da própria Secretaria de Educação. Isso ocorreu, por exemplo, durante as gestões da professora Eurides Brito, que assumiu a pasta como secretária de Educação e Cultura do Distrito Federal de 1979 a 1985, em duas gestões seguidas; posteriormente, à frente da pasta da Secretaria de Educação, de 1993 a 1994 e de 1999 a 2002. De modo geral, não se afirmava a intenção de fechar, ou seja, de encerrar as atividades, comenta Amorim (2014). Contudo, ele prossegue o relato, tinha-se a intenção de modificar a sua natureza, com o argumento de que, "da forma como funcionava, não poderia ficar". Ao que a Zezé costumava responder: "Como não fica?" (Amorim, 2014).

Para resolver a questão das interferências da Secretaria de Educação, na continuidade da narrativa, o professor Amorim (2014) relata que Zezé tinha um truque muito eficiente, ela se valia da participação da Escolinha, desde o princípio, em concursos internacionais de arte infantil. Os estudantes que desejassem participar dos concursos internacionais realizavam seus trabalhos e os enviavam. Não havia seleção de trabalhos pelos professores da Escolinha. Tanto a realização do trabalho quanto a decisão de enviá-lo eram de escolha do estudante. A Escolinha, dessa forma, foi premiada na Índia, na Tchecoslováquia, na Turquia, nos Estados Unidos, na China e no Japão. O embaixador do Japão chegou a ir duas vezes entregar prêmios na Escolinha, e os estudantes ganhavam desde o primeiro prêmio, destaque, menção honrosa a produtos de artes e medalhas. Na Índia, ganharam várias vezes o concurso de uma instituição especializada em desenhos infantis. Por consequência, a Escolinha aparecia na imprensa da época, respaldando, inquestionavelmente, sua qualidade, bem como a metodologia do trabalho desenvolvido, ganhando credibilidade nos circuitos pedagógicos.

O perfil de Zezé foi determinante para o funcionamento da Escolinha, bem como também explicitam os poucos registros seus. Ela era uma pessoa que não gostava de dar depoimentos, entrevistas, estar em evidência. Nessas horas, ela pedia a alguém de seu grupo para falar, e se retirava. Por isso, não existem fotos, gravações ou depoimentos dela. Os registros que existem mostram-na atuando em sala de aula, quando se transformava e interagia bastante com as crianças.

Atualizando a conversa: como anda a Escolinha

O tempo se fez e a escolinha chegou aos seus 50 anos de existência em 2019 com muitas mudanças e desafios, mas ainda atendendo e sendo apoiada pela comunidade circunvizinha e de outras paragens. Os comerciantes das redondezas da escola, moradores de outras localidades do DF e entorno, também matriculam seus filhos na Escolinha.

Para entender a jornada percorrida pelo trabalho desenvolvido na Biblioteca Infantil e na Escolinha de Criatividade da 104/304 Sul, a professora Iracema Malheiros (2019) ressaltou que, das diversas linguagens ali desenvolvidas, apenas as de artes plásticas e visuais se mantiveram e a Hora do conto no início de todas as aulas. Ela relatou, ainda, que o trabalho continuou na busca pela autonomia do estudante, de sua livre expressão de

> um ser humano mais sensível [...] que prestasse atenção no outro, que pudesse sentir alegria como o outro, sentir a dor do outro também. Porque a gente acreditava que se uma criança consegue perceber o outro ela vai ser um adulto mais tolerante, ela vai ser uma pessoa mais aberta para as coisas que chegam, para as novidades boas e ruins. Então a gente trabalhava dentro [...] dessa percepção do outro por meio da arte. (Malheiros, 2019)

As atividades nessa época, início da década de 2000, eram deliberadas mediante reuniões de equipe, como um colegiado, que aconteciam todas

as sextas-feiras. As ideias dos professores eram colocadas a partir das habilidades de cada um e tanto temas quanto técnicas eram propostos para os estudantes, levando em consideração a interface existente com a Hora do conto inicial de todas as aulas.

As produções dos estudantes podiam levar até três aulas para ficarem prontas. Se algum deles terminava antes, podia contar com jogos desenvolvidos e preparados por eles próprios ou mesmo outras técnicas/atividades, com a finalidade de esperar os colegas que ainda estavam finalizando seus trabalhos, bem como dispor da biblioteca para leitura. Quando se percebia que a turma estava terminando o trabalho, novas proposições vinham das reuniões dos professores levando em consideração temáticas apresentadas pelos estudantes, da atualidade ou mesmo que os professores entendessem interessantes.

Nessa década, também se desenvolveu na Escolinha um dossiê sobre cada uma das crianças, para dar um retorno aos responsáveis sobre o desenvolvimento delas. Essa prática, além de embasar as ações dos professores, como conta Iracema (2019), também serviu para mostrar o alcance da atividade das artes no desenvolvimento das crianças para a própria Secretaria de Educação. O dossiê e o portfólio com todos os trabalhos eram apresentados aos pais ou responsáveis, quando compareciam à Escolinha. Estes materiais eram então levados para casa. A esse respeito, Rosa (2019) relata que, apesar de terem crescido em uma casa de artistas e terem contato com várias técnicas e materiais, suas filhas experimentaram um salto qualitativo no período em que frequentaram a Escolinha, o que pôde ser observado em suas composições e detalhes inseridos nos trabalhos realizados.

O engajamento dos pais e responsáveis é considerado muito importante, pois são eles que mantêm a Escolinha por meio da Associação de Pais e Amigos, inclusive respaldando suas atividades. Iracema relata que sempre puderam contar com todos e os mais variados materiais para desenvolverem suas atividades por conta desse aporte vindo da Associação, bem como com a frequência deles nas exposições e saraus literários, que também contava,

como ainda conta, registra Aspesi (2019) e Galvão (2019), com a presença de autores, músicos, artistas e a prata da casa: estudantes da Escolinha apresentando-se com seus mais diversos talentos.

Com o passar do tempo e o pouco entendimento, por parte da Secretaria de Educação, acerca da importância das atividades desenvolvidas entre Biblioteca Infantil e Escolinha de Criatividade, o trabalho aos poucos foi sendo minado, como no passado, quando se estabeleciam exigências correspondentes às da educação formal para um projeto de educação não formal. É preciso reiterar que, do ponto de vista pedagógico, educação não formal corresponde à formação propiciada fora das instituições regulares de ensino, sem vinculação aos currículos escolares. Contudo, não é sinônimo de atividade aleatória, sem compromisso ou responsabilidade com os processos efetivos de aprendizagem. Ao contrário, no caso da Escolinha, o projeto tem em vista a formação global das crianças e dos adolescentes que frequentam suas aulas, em relação de complementaridade com as aprendizagens construídas nos ambientes de educação formal. Sua longevidade, bem como sua presença vívida na memória de estudantes egressos, de diversas gerações, são indicadores incontestes da qualidade das aprendizagens ali propiciadas. Nesse sentido, reiteram-se as palavras da psicóloga Aspesi (2019), em defesa do projeto, cujas atividades sustenta serem muito preciosas: "[...] A gente sabe que tem espaços com necessidades primeiras, mas isso também não retira o direito do funcionamento de um projeto de sucesso que tem um histórico que merece ser preservado" (Aspesi, 2019).

Nesses embates administrativos que nem sempre têm em conta as questões pedagógicas, ao final da primeira década dos anos 2000, a tentativa de desmonte da escola ganhou novo capítulo. Foi retirada, do salário dos professores, uma gratificação de regência, sob o argumento de que, instalada oficialmente em uma biblioteca, e constituindo espaço de educação não formal, seus professores não estavam em regência de classe efetiva. Assim, não cabia receberem tal gratificação, parte substancial do salário.

Mais que isso, não deveriam ser mantidos ali. Entre portarias oficiais e memorandos, nos documentos a referência à Escolinha deixou de ser feita, permanecendo apenas a menção à Biblioteca Infantil. A última informação dada aos profissionais vinculados à Escolinha, em 2019, determinava que, para atuarem ali, deveriam pertencer às chamadas "carreiras extintas" (carreiras que se extinguiram no quadro de cargos da Secretaria de Educação, mas os profissionais, sendo concursados, têm direito a permanecer na instituição independentemente de quais sejam) ou fossem "readaptados" (professores com problemas de saúde que impossibilitam sua presença em sala de aula regular). Portanto, os professores de artes com possibilidade de regência efetiva e de desenvolvimento de trabalhos nessa área não podem mais fazer parte daquele quadro de professores.

As vivências no âmbito da arte cumprem importante papel para o processo de amadurecimento pessoal, do ponto de vista cognitivo, emocional e social, às crianças da faixa etária atendida pela Escolinha. Por isso, reiteramos a necessidade de que as atividades transdisciplinares desenvolvidas entre biblioteca e escola de arte sejam respaldadas do ponto de vista legal e institucional, além do educacional e artístico. Essa seria a condição para encerrar as instabilidades recorrentes que ameaçam a continuidade desse trabalho, bem como seria possível assegurar que quantas outras gerações possam usufruir dos processos de aprendizagem ali propiciados, fundamentados nas atividades artísticas pautadas pela liberdade, pela experimentação, mas também pela sensibilidade e pelo diálogo em comunidade.

Referências

AMORIM, Antônio Wanderlei S. *Entrevista*. Entrevista para o programa de História Oral, projeto Memória da Educação do Distrito Federal. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal, 2014.

ASPESI**,** Cristiana de Campos. *Entrevista.* Entrevistadora: Luciana de Maya Ricardo. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal, 13 jun. 2019.

AZEVEDO, Fernando de *et al. Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores, 1959*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BIBLIOTECA INFANTIL. *Documento datilografado*. Arquivo da Escolinha de Criatividade da 104/304 Sul, jun. 1978.

COSTA, Fabiola Cirimbelli Búrigo. A Contribuição do Movimento Escolinhas de Arte no Ensino de Arte em Santa Catarina. *Revista Nupeart*, V. 8, p. 10-27, 2010.

DELEI, Antônio. *Zezé. In:* DELEI, Antônio; PEREIRA, Luiz Humberto. Brasília-DF, Brasil: Escolinha da Zezé, 2015.

FONTOURA**,** Antônio. Bauhaus. *A Pedagogia da Ação.* ABC DESIGN, 8 abr. 2009. Disponível em: http://www.abcdesign.com.br/bauhaus-a-pedagogia-da-acao. Acesso em: 27 ago. 2019.

GALVÃO**,** Jaqueline Queiroz. *Entrevista.* Entrevistadora: Luciana de Maya Ricardo. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Brasília, 13 jun. 2019.

MALHEIROS**,** Iracema. *Entrevista.* Entrevistadora: Luciana de Maya Ricardo. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Brasília, 4 jul. 2019.

RABELLO, Branca. *Entrevista.* Entrevistadora: Luciana de Maya Ricardo. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Brasília, 6 nov. 2019.

RODRIGUES, Augusto. *Escolinha de Arte do Brasil*. Brasília: Inep, 1980 (Coleção Estudos e Pesquisas).

ROSA, Maria Célia Fernandes. *Entrevista.* Entrevistadora: Luciana de Maya Ricardo. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Brasília, 17 set. 2019.

TEIXEIRA, Anísio**.** As escolinhas de arte de Augusto Rodrigues. *Arte e Educação*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, set. 1970. Disponível em: http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/escolinhas.html. Acesso em: 10 ago. 2019.

Sobre os autores

Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia, professora titular na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: profalice2fm@gmail.com

Antonio Carlos Andrade de Souza

Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: toninho2018pos@gmail.com

Antonio Fávero Sobrinho

Mestre em História pela Universidade de Brasília, Professor Assistente na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Ariane Abrunhosa

Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal.
E-mail: abrunhosa.ariane@gmail.com

Claudia Paiva Carvalho

Doutora em Direito pela Universidade de Brasília, professora de Direito do Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP).
E-mail: claudiapaivac@gmail.com

Cristiano Paixão
Doutor em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor adjunto da Faculdade de Direito da UnB.
E-mail: cristiano.aslh@gmail.com

Carmyra Oliveira Batista
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carmyra.batista@gmail.com

Denise Farage
Especialista em Políticas Públicas pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: denisefarage@gmail.com

Edilene Simões Costa dos Santos
Doutora em Educação, em Ciência e Matemática pela Universidade de Brasília, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: edilenesc@gmail.com

Eliane Brito
Doutoranda em História pela Universidade de Brasília, professora do Centro Universitário Planalto do DF (Uniplan), da Faculdade Projeção e professora substituta do Instituto Federal de Brasília.
E-mail: eliane.cbo@gmail.com

Erlando Reses
Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UnB.
E-mail: erlandoreses@gmail.com

Eva Waisros Pereira
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Aberta de Portugal; professora emérita e pesquisadora associada plena do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília.
E-mail: evawaisros@gmail.com

Haydée Ribeiro Coelho
Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, professora associada IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: haydeeribeiro@hotmail.com

Josefina Reis de Moraes
Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Católica de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: josefinarmoraes@gmail.com

José Luiz Villar Mella
Doutor em História Social e das Ideias pela Universidade de Brasília, professor associado I da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Jorge Abrahão de Castro
Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pesquisador associado da Universidade de Brasília e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB).
E-mail: jorge.abrahao57@gmail.com

Laura Maria Coutinho
Doutora em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: lauracou@gmail.com

Leila Chalub Martins
Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas, professora do ensino básico público de Brasília de 1968 a 1992, professora associada aposentada da Universidade de Brasília.
E-mail: leilachalub3@gmail.com

Leila Maria de Jesus Oliveira
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: leiladejesus@gmail.com

Luciana de Maya Ricardo
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: luciana.maya@gmail.com

Maria Andreza Costa Barbosa
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, professora de Artes Visuais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: andrezaferreiro@gmail.com

Mariana Gonçalves Penna
Graduada em História pela Universidade de Brasília e estagiária do Museu da Educação do Distrito Federal.
E-mail: marigpenna@gmail.com

Maria Alexandra Militão Rodrigues
Doutora em Psicologia, professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: alexandrarodrigues57@hotmail.com

Maria Lídia Bueno Fernandes
Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo, professora associada 3 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS).
E-mail: lidia_f@uol.com.br

Maria Margarida Machado
Doutora em Educação, professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: mmm2404@gmail.com

Maria Paula Vasconcelos Taunay
Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: mariapaulataunay@gmail.com

Mônica Menezes de Souza Batista
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: profmonicams@yahoo.com.br

Raquel de Almeida Moraes
Doutora em Educação, professora Associada 4 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo Lattes do CNPq: GT História, Sociedade e Educação no Brasil no DF, HISTEDBR-DF - HISTEDBR.
E-mail: raquelmoraesbr@gmail.com

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: rosalia.carvalho@udf.edu.br

Ricardo Gonçalves Pacheco
Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília, professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: prof.ricardopacheco@gmail.com

Samira Bueno Chahin
Doutora em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo, professora do Centro Universitário Facens, membro do Comitê Editorial do projeto Arquitetura e Escrita e do GT Territórios Educativos do Instituto de Arquitetos do Brasil, São Paulo.
E-mail: samira_chahin@yahoo.com.br

Valéria Nely Cézar de Carvalho
Doutora em História pela École Pratique des Hautes Estudes de Paris, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carvalho.nely@gmail.com

Vera Margarida Lessa Catalão
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
Email: veramcatalao@gmail.com

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro.

Esta obra é mais uma etapa da história da educação no Distrito Federal. Seu recorte histórico abrange o período da ditadura militar no Brasil, com foco nos acontecimentos na área da educação e suas repercussões na rede de ensino local. Os desafios vividos naquele período de autoritarismo constituem experiências antagônicas ao ideário democrático fundante do sistema de ensino público inovador da capital brasileira. A construção do conhecimento histórico a esse respeito é essencial para que se compreenda a relação intrínseca entre educação e sociedade, bem como as estratégias de organização social adotadas para o enfrentamento à opressão política e ideológica que marcou toda uma geração de brasilienses.

Alice Fátima Martins | Antônio Carlos Andrade de Souza
Antônio Fávero Sobrinho | Ariane Abrunhosa
Claudia Paiva Carvalho | Cristiano Paixão | Carmyra Oliveira Batista
Denise Lucinda Farage | Edilene Simões Costa dos Santos | Eliane Brito
Erlando Reses | Eva Waisros Pereira | Haydée Ribeiro Coelho
Josefina Reis de Moraes | José Luiz Villar | Jorge Abrahão de Castro
Laura Maria Coutinho | Leila Chalub Martins | Leila Maria de Jesus Oliveira
Luciana de Maya Ricardo | Maria Andreza Costa Barbosa
Mariana Gonçalves Penna | Maria Alexandra Militão Rodrigues
Maria Lídia Bueno Fernandes | Maria Margarida Machado
Maria Paula Vasconcelos Taunay | Mônica Menezes de Souza
Raquel de Almeida Moraes | Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Ricardo Gonçalves Pacheco | Samira Bueno Chahin
Valéria Nely Cézar de Carvalho | Vera Margarida Lessa Catalão